

A IMAGEM TITULAR DO SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA DA ENCARNAÇÃO DE LEIRIA

MODELOS E RECONFIGURAÇÕES ESTÉTICAS

Sandra Costa Saldanha

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra / CEAACP-UC

Objecto de particular devoção em território diocesano, a imagem padroeira do santuário de Nossa Senhora da Encarnação de Leiria configura uma obra ímpar no panorama da escultura nacional. De grande originalidade e assinalável qualidade artística, remonta aos primeiros anos de oitocentos, no quadro da importante campanha de renovação ocorrida no templo¹.

353

ORIGENS QUINHENTISTAS: AS PRIMEIRAS IMAGENS

A imagem titular que hoje se venera no santuário de Nossa Senhora da Encarnação de Leiria, tema nuclear deste estudo, procede de uma tradição bastante mais longínqua, situada na fundação do templo.

Centro fulcral da devoção mariana por mais de três séculos, tem a sua origem numa pequena ermida consagrada a São Gabriel. Os vários milagres e prodígios atribuídos à Virgem justificariam a mudança de orago em 1585, a que se seguiria a edificação de um templo de maiores dimensões, em 1588². Como sublinha Frei Agostinho de Santa Maria (1642-1728):

-
- 1 Para a boa prossecução deste trabalho, um agradecimento particular é devido a Adília Pascoal, Marco Daniel Duarte e Ruy Ventura. Além da bibliografia citada, foi feita consulta a: Arquivo Distrital de Leiria (ADL), *Escritura de contrato que fazem os Reverendos Irmãos da Mesa da Confraria de Nossa Senhora da Encarnação desta cidade a Martinho António a Fonseca da mesma cidade*, 24 de Janeiro de 1832; ADL, *Compromisso da Confraria de Nossa Senhora da Encarnação*, 11 de Julho de 1853; ADL, *Inventário da Confraria Nossa Senhora da Encarnação*, 2 de Maio de 1909; *Estatutos da Confraria de Nossa Senhora da Encarnação de Leiria*, Leiria, 1945; *Couseiro ou memórias do Bispado de Leiria*, Leiria, Textiverso, 2011.
 - 2 A esse mesmo ano remonta a instituição da confraria de Nossa Senhora da Encarnação, proprietária e zeladora do santuário.



© Departamento do Património Cultural da Diocese de Leiria-Fátima

Nossa Senhora da Encarnação, 1813
Santuário de Nossa Senhora da Encarnação, Leiria

«Entre os Santuarios de Maria Santissima, que se venerão em todo este Bispado, tem o primeyro lugar o de nossa Senhora da Encarnação, celebre por milagres, illustre por maravilhas, & magnifico em seu magestoso Templo de excelente architectura, & agradável pelo delicioso, & iminente de seu sitio»³.

Concluída a nova igreja em 1628, diz-nos o mesmo cronista que possuía uma imagem da *Senhora da Encarnação*, ajoelhada e com as mãos sobre o peito:

«He a Imagem da Senhora lindissima, está de joelhos, & mostra na proporção, que a estar em pé teria quatro palmos de alto; he trigueirinha, & na cor do rosto mostra a sua muyta antiguidade; está com as mãos no peyto, mostrando o espanto em que ficou, quando o Anjo lhe appareceo, & assim tem os olhos postos no chão com huma celestial modéstia. He de talha, mas cobrem-na hoje com precisosos vestidos; está recolhida dentro de hum sacrário fechado, mas como tem hum grande, & fermosa vidraça, se vé perfeytramente assim na traça, como na architectura»⁴.

Imagem de vestir em madeira cujo paradeiro se desconhece, seria substituída, ainda no século XVIII, por uma outra de configuração distinta. Em pedra policromada, de pé e menores dimensões, era assim descrita em 1756:

«de pedra branca, com as roupas muito bem entalhadas, sem os fingimentos ou avoamentos modernos, o cabelo estendido pelas costas em duas tranças pintadas de uma côr loura viva e sobre a cabeça até às orelhas dourado, o rosto e as mãos de bom talhe e de encarnação trigueira, como era usado nas antigas imagens. Estava a imagem em pé, tinha de altura dois palmos e meio, na mão direita um livro com o dedo dento d'elle, como que tendo-o fechado para receber a visita do anjo, e a mão esquerda sobre o peito, olhos inclinados modestamente»⁵.

Obra possivelmente quinhentista — sem os «fingimentos ou avoamentos modernos», como faz notar o autor — dela farão eco as belíssimas imagens calcárias ainda hoje preservadas na diocese, de carnação trigueira e cabelo loiro «estendido pelas costas»⁶. Peça cuja localização igualmente se desconhece, parece resumir a base compositiva da actual imagem, como veremos.

3 Frei Agostinho de Santa Maria, “Da milagrosa imagem de Nossa Senhora da Encarnação, da cidade de Leyria”, em *Santuário Mariano*, tomo III, Lisboa, Oficina de António Pedroso Galram, 1711, pp. 274-292 (274).

4 *Idem*, p. 291

5 Descrição constante na obra *Ramalhete da Devoção*, atribuída a Frei José de Santa Catarina da Serra, padre-mestre do convento de Santo Agostinho de Leiria.

6 Como o exemplificam as imagens de *Nossa Senhora dos Prazeres* e *Nossa Senhora do Rosário*, das paróquias de Fátima e Formigais.



Nossa Senhora dos Prazeres, século XVI
Paróquia de Fátima



Nossa Senhora do Rosário, século XVI
Paróquia de Formigais

© Departamento do Património Cultural da Diocese de Leiria-Fátima

CAMPANHAS OITOCENTISTAS: REFORMULAÇÃO INTERIOR E NOVAS ENCOMENDAS

Templo que não terá sofrido especial ruína com o terramoto de Lisboa de 1755, a devastação ocorrida no santuário de Nossa Senhora da Encarnação ficaria a dever-se às invasões francesas, entre 1807 e 1810⁷.

Fruto da destruição causada, inicia-se então uma vasta campanha de obras, conducente à reformulação interior do santuário. Com o particular apoio do bispo D. Manuel de Aguiar (1790-1815), através de uma dotação anual e várias ofertas, enumeram-se nos livros de despesa da confraria os diversos

7 Como relata Tito Larcher, ficaria o santuário com as «lages do pavimento estaladas pelas fogueiras, as paredes e tectos denegridos, os retábulos e as imagens destruídos e incendiados» (Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher, *Memória sobre o templo e culto de Nossa Senhora da Encarnação padroeira da cidade de Leiria*, Leiria, Tipografia Leiriense, 1904, p. 54).

melhoramentos⁸, restauros⁹ e aquisições de novas alfaias¹⁰. Decisivas para a sua actual configuração foram, contudo, as múltiplas intervenções decorativas, entre as quais:

- 1815-20: revestimento azulejar da nave, imitando azulejo de padrão seiscentista¹¹.
- 1850: colocação de dois retábulos colaterais provenientes da Sé de Leiria¹².
- 1855: douramento dos retábulos colaterais por Joaquim António da Fonseca Brito¹³.
- 1855: aquisição em Lisboa de duas pinturas para os altares colaterais da igreja, cópias de originais do século XVIII¹⁴.
- 1860: aquisição em Lisboa de quatro pinturas para os altares da nave,

-
- 8 Designadamente: a colocação de novos sinos na torre em 1823 (*idem*, p. 43); a reformulação dos caixilhos das janelas em 1846 (*idem*, p. 44); obra do coro, guardavento e alpendres da igreja em 1865 («Com o feito do Côro, e guardavento, com a condição de o empreiteiro dar todos os materiais — 129\$500; D. Com duas carradas de lages para os alpendres da Igreja — 6\$000»; ADL, *Confraria de Nossa Senhora da Encarnação*, Livro de Receita e Despesa da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, fl. 46v); púlpito em 1875 (Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher, *op. cit.*, p. 44); substituição do brasão do bispo D. Miguel de Bulhões em 1880, no valor de 60\$000 reis (*idem*); repavimentação da igreja, no valor de 340\$000 reis; reformulação do guarda-vento em 1896 (*idem*); substituição da porta principal pelo carpinteiro de Leiria José Nogueira em 1901 (*idem*); reforma do escadório (*idem*).
 - 9 Com destaque para o restauro de uma imagem de São José (1855): «D. com o concerto de huma imagem de S. José — 1\$000» (ADL, *Confraria de Nossa Senhora da Encarnação*, Livro de Receita e Despesa da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, fl. 21v). Peça não localizada, poderá corresponder à imagem descrita por Frei Agostinho de Santa Maria em 1711, sobre a porta da sacristia. Segundo o autor, «tem hum nicho, aonde está huma Imagem do glorioso São Joseph com o Menino Jesus pela mão, são de jesso, mas excellente escultura; na parte fronteyra fica outro nicho com outra Imagem do Archanjo São Gabriel (da mesma matéria) que he a Imagem antiga, que estava na Ermida, & pelo que mostra, parece que estava dando à Senhora a Embayxada» (Frei Agostinho de Santa Maria, *op. cit.*, p. 292).
 - 10 Designadamente: uma lâmpada (1850); seis castiçais pequenos, \$900 (1854); sacras para os altares colaterais, \$240 (1860); um turíbulo, naveta, 7\$500, e caldeirinha, 2\$800 (1864); e duas banquetas de castiçais em madeira prateada, 30\$460 (1865) (ADL, *Confraria de Nossa Senhora da Encarnação*, Livro de Receita e Despesa da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, fls. 5v, 18v, 33, 43 e 46v).
 - 11 Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher, *op. cit.*, p. 43.
 - 12 Incluindo as várias despesas com materiais (madeira, betume, cal, vidros, ferragens, franja de retroz, galão, damasco e chita) e trabalhadores (pedreiro, serventes e oficiais): «Despendi com o carpinteiro que fez dous retábulos conforme o preço por que se ajustou — 100\$000». «Despendi com a condução dos retábulos, da Se para a Igreja de N. Senhora — 3\$680» (ADL, *Confraria de Nossa Senhora da Encarnação*, Livro de Receita e Despesa da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, fls. 4, 4v).
 - 13 «D. com o Dourador Joaquim Antonio da Fonseca Britto por dourar os retábulos e altares dos dous lados latraes da Egreja de N. Senhora — 220\$000; D. com huma gratificação ao mesmo Dourador — 2\$400; D. mais com a douradura de hum quadro q está na sacristia e com outros arranjos meudos — 2\$750» (ADL, *Confraria de Nossa Senhora da Encarnação*, Livro de Receita e Despesa da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, fl. 21v).
 - 14 Sobre os altares colaterais, figurando a *Adoração dos Pastores* e a *Adoração dos Reis Magos*, a despesa realizada incluiu transporte, cópia, limpeza, caixilhos, ferragens, douramento e colocação: «D. com a condução de hum caixote p.^o Lisboa — \$620; D. com a condução do m.^o na vinda de Lisboa p.^o cá — \$980; D. com a copia de dous Quadros — 78\$000; D. com a limpeza de dous Quadros — \$225; D. com duas peanhas — 4\$000; D. com pano cru p.^o forrar os Quadros — 1\$320; D. com madeira e mais arranjos p.^o dous caixilhos — 7\$745; D. com ferrage p. colocar os quadros em segurança dos Altares — 2\$400; D. com carpinteiros seis dias por diferentes preços — 1\$600; D. com dourar dous caixilhos — 28\$800; D. com hum caixilho p.^o hum painel — 1\$200» (ADL, *Confraria de Nossa Senhora da Encarnação*, Livro de Receita e Despesa da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, fl. 21v).

cópias de originais do século XVIII¹⁵.

- 1869: pinturas do tecto da nave figurando *Litanias da Virgem*, e arco do cruzeiro, representando *Nossa Senhora e os Evangelistas*¹⁶.
- 1875: realização de um novo púlpito¹⁷.
- 1884: substituição dos três ex-votos sobre o coro, alusivos aos *Milagres de Nossa Senhora da Encarnação*, por Augusto Barnabé de Figueiredo¹⁸.
- 1890: colocação das imagens em pedra de *Nossa Senhora e São Gabriel* sobre o portal de acesso¹⁹.



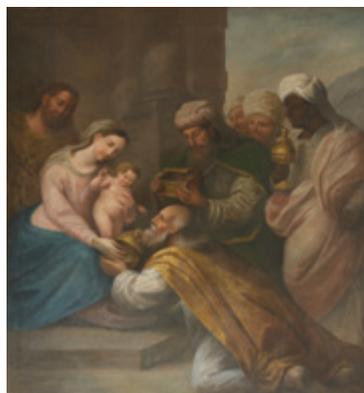
© Nuno Saldeanha

Santuário de Nossa Senhora da Encarnação, Leiria

Quanto às imagens escultóricas do santuário, assiste-se também ao desaparecimento de parte do seu acervo original. Consequência das invasões francesas, mas também das alterações ocorridas nessas décadas do século XIX, perde-se o rasto às esculturas sobre as portas do altar-mor, a duas das quatro capelas do cruzeiro (e com elas, certamente, as respectivas imagens) e a duas das mais emblemáticas imagens devocionais do santuário: *Nossa Senhora da Encarnação* e *São Manuel*. Como precisa Manuel Rodrigues de Faria, a respeito destas últimas: «desencaminha-

ram-se pela ocasião da invasão dos Francezes em 1810; não que elles as profanassem, mas foram dalli tiradas por alguma pessoa devota, e nunca mais tornaram a aparecer»²⁰.

- 15 Nos muros da nave, figurando a *Anunciação*, *Visitação*, *Apresentação* e *Circuncisão*, a despesa realizada incluiu a cópia, embalagem e transporte: «D. com a copia de quatro Quadros ou Painéis em Lx.^o — 148\$000; D. com uma caixa e embalaje dos mesmos — 2\$400; D. com o frete de um caixote p.^o Lisboa, e do m.^o p.^o Lr.^o — 1\$100». Adquiridos em 1860, seriam colocados em 1861 (ADL, *Confraria de Nossa Senhora da Encarnação*, Livro de Receita e Despesa da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, fls. 33, 35v). Estas obras terão sido realizadas por um dos muitos pintores que na época se dedicavam à cópia de pintura antiga, frequentemente formados na Academia de Belas Artes com o mestre António Manuel da Fonseca (1796-1890). A informação documental apurada não confirma a informação de Larcher, segundo o qual «em 1846 reformou-se a pintura dos 2 quadros que estão no cruzeiro e dos 4 que estão nas paredes lateraes da egreja, que estavam muito deteriorados e enegrecidos» (Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher, *op. cit.*, p. 44).
- 16 ADL, *Confraria de Nossa Senhora da Encarnação*, Livro de Actas da Mesa (1854-1871), fls. 13, 16; Livro de Receita e Despesa da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, fl. 59.
- 17 ADL, *Confraria de Nossa Senhora da Encarnação*, Livro de Receita e Despesa da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, fl. 75.
- 18 Pelo valor de 80\$000 reis (Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher, *op. cit.*, p. 44).
- 19 *Idem*, p. 44.
- 20 Manuel Rodrigues de Faria, *Historia da vida do glorioso martyr S. Manoel*, Lisboa, Typographia de G. M. Martins, 1846, p. 155.



© Nuno Saldanha

Adoração dos Pastores e Adoração dos Reis Magos, 1855
Santuário de Nossa Senhora da Encarnação, Leiria



© Nuno Saldanha

Anunciação, Visitação, Apresentação e Circuncisão, 1860
Santuário de Nossa Senhora da Encarnação, Leiria

A NOVA IMAGEM DA SENHORA DA ENCARNAÇÃO

Entre as prioridades da confraria, nos primeiros anos da reforma do santuário, destaque, naturalmente, para a colocação da imagem titular no altar-mor, logo em 1813, três anos após o desaparecimento da escultura pétrea²¹. Obra encomendada pelo cabido da Sé de Leiria²², o apoio concedido pelo episcopado foi sistemático ao longo dos anos:

«os bispos d'esta diocese (...), tendo sido todos juizes natos d'esta confraria, tendo desde 1814 contribuido cada um d'elles anualmente com a quantia de 8\$000 réis para a igreja. Por outro lado o Cabido da extincta Sé, que tinha direito a grande parte das esmolas prescindiu d'essas importâncias desde 1844, em troca da taxa certa e anual de 6\$600 réis, que recebeu, enquanto durou o bispado, para que se augmentasse o culto e as obras»²³.

A colocação da nova imagem, possivelmente de maiores dimensões, obrigaria à reformulação do retábulo-mor²⁴, registando-se na década de 30 a execução de um camarim (1830), maquinação (1831), respectiva pintura e douramento (1832)²⁵. Detalhando a adaptação, refere Tito Larcher (1860-1932):



© Nuno Saldanha

Retábulo-mor, 1830-1832
Santuário de Nossa Senhora da Encarnação, Leiria

- 21 *Idem*, p. 155. Destaque, entre as principais despesas da confraria, para a impressão de centenas de estampas todos os anos (c. 200 a 400). No *Inventário da Confraria Nossa Senhora da Encarnação*, de 2 de Maio de 1909, são arroladas estampas e um cliché. Infelizmente, não foi possível localizar um único exemplar, apenas algumas pagelas a partir de cliché fotográfico.
- 22 *Idem*. Informação também veiculada por Tito Larcher: «alguns eclesiásticos começaram a interessar-se pelo templo, adquiriram uma nova imagem em 1813» (Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher, *op. cit.*, p. 54).
- 23 Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher, *op. cit.*, p. 45.
- 24 Substituindo a charola existente (suspensa por anjos) por um trono (*idem*, p. 43).
- 25 Obras a cargo da mesa da confraria, em 1832 realizam contrato com o mestre de Leiria Martinho António da Fonseca, para pintura e douramento do retábulo, no valor de 300\$00 réis (Saul António Gomes, "Mestre Martinho António da Fonseca, dourador do retábulo-mor de Nossa Sr.^a da Encarnação, em 1832", em *O Mensageiro*, Leiria, 16 Ago. 1990, 23 Ago. 1990 e 6 Set. 1990). Deverá tratar-se do pintor Martinho António da Fonseca de Coito, residente em Lisboa nos finais do século XVIII (freguesia de Santa Catarina), inscrito a 17 de Dezembro de 1792 na irmandade de São Lucas, por José António Narciso.

«A tribuna do altar mór foi feita por outra forma, sendo a charola suspenza por anjos, substituída, e em seu logar se vê um throno no alto da qual a nova imagem da Encarnação, que em lugar de ter as suas mãos sobre o peito, tem a esquerda estendida ao longo do corpo, e não é de pedra mas sim de madeira, e foi obtida em 1813»²⁶.

Obra singular no panorama da escultura portuguesa, apresenta-se a Virgem de pé, com a mão direita sobre o peito e o livro fechado na mão esquerda, gestos que caracterizam o título com que é venerada²⁷.



Publ. Castro, 1805

Nossa Senhora da Encarnação, 1805
Gravura da imagem da Igreja de Nossa Senhora da Encarnação, Lisboa

Opção compositiva que a define iconograficamente — filiada, como já atrás se fez notar, na imagem pétrea quinhentista —, constitui uma das suas particularidades. Distinta dos modelos convencionais (com as duas mãos postas sobre o peito)²⁸, remete-nos de imediato para uma outra peça particularmente emblemática (e cronologicamente próxima): a célebre imagem de Joaquim Machado de Castro (1731-1822) para a igreja de Nossa Senhora da Encarnação em Lisboa (1803), paradigma incontornável desta iconografia mariana²⁹.

Por outro lado, a imagem do santuário de Leiria, configura também um exemplar ímpar no plano estético. Mais próxima

dos padrões neoclássicos, é marcada pela verticalidade dos seus eixos compositivos, de assinalável equilíbrio formal. A delicadeza da fisionomia, o naturalismo dos cabelos ou a expressão circunspecta com que se apresenta, totalizam o essencial das suas novidades estilísticas.

26 Tito Benevenuto L. de Sousa Larcher, *op. cit.*, p. 43.

27 Marco Daniel Duarte, "Nossa Senhora da Encarnação", em *Jornal Presente Leiria-Fátima*, Leiria, Diocese de Leiria-Fátima, 2016.

28 Adoptados, de resto, noutras representações do mesmo santuário.

29 Obra que estaria na origem da célebre *Análise Gráfica Ortodoxa*, onde o escultor procura comprovar a correção iconográfica do modelo proposto (Joaquim Machado de Castro, *Análise gráfico-ortodoxa, e demonstrativa de que sem escrúpulo do menor erro teológico, a escultura e pintura podem, ao representar o sagrado mistério da Encarnação, figurar vários anjos*, Lisboa, Impressão Régia, 1805), serviria de modelo a imagens posteriores, como o exemplifica a imagem de *Nossa Senhora da Encarnação* da igreja paroquial de Vila Real de Santo António.

Face à originalidade da imagem leiriense, afigura-se incontornável o escrutínio de uma possível autoria. À falta de documentação que o ateste, será no confronto estilístico que poderemos aferir alguns indicadores.

Nesse sentido, deverão desde logo salientar-se as afinidades plásticas e formais com a imagem de *São Manuel*, recentemente localizada no mesmo santuário. Peça que, tal como a *Senhora da Encarnação*, viria

a substituir uma outra retirada do culto em 1810, a presença desta invocação no templo de Leiria remontará à sua origem quinhentista. Edifício cuja primeira pedra foi lançada a 25 de Setembro de 1588 por D. Manuel, marquês de Vila Real³⁰, também a nova imagem de *São Manuel* viria a ser encomendada, em 1813, a instâncias de um comitente homónimo, o cônego Manuel Fernandes³¹. Destinada então a um dos altares colaterais, releva-se, igualmente, como uma obra de assinalável qualidade plástica³².

Esculturas imputáveis a um autor comum e integráveis num mesmo contexto de encomenda, outras comissões do cabido de Leiria pela mesma época³³ reforçam a aquisição a um mestre activo em Lisboa, mais próximo desta nova tendência estética.

Nesse sentido, considero plausível a atribuição ao escultor Faustino José Rodrigues (1760-1829), discípulo de Joaquim Machado de Castro e seu aju-



Nossa Senhora da Encarnação, 1813 (detalhe)
Santuário de Nossa Senhora da Encarnação, Leiria

30 Frei Manuel da Esperança, "Descrevem-se a cidade, & convento: cos princípios da ermida de nossa Senhora da Encarnação, na qual nós tivemos parte", em *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores*, Lisboa, Oficina Craesbeeckiana, 1656, parte I, liv. 3, cap. 31, pp. 357-359 (358).

31 Manuel Rodrigues de Faria, *op. cit.*, p.11

32 Com uma iconografia pouco abundante, uma imagem similar foi recentemente localizada em coleção particular. Agradeço a Ruy Ventura o conhecimento desta obra.

33 Nesse mesmo ano de 1813 é encomendado a Joaquim Peres Fontanes (1750-1818) um órgão destinado à catedral. Este órgão seria cedido à confraria de Nossa Senhora da Encarnação em 1995, após a aquisição de um novo instrumento pelo cabido.



© Departamento do Património Cultural da Diocese de Leiria-Fátima

Faustino José Rodrigues (atr.), *São Manuel*, 1813
Santuário de Nossa Senhora da Encarnação, Leiria

© Sandra Costa Saldanha



Faustino José Rodrigues, *Amor da Virtude*, 1826
 Palácio Nacional da Ajuda, Lisboa

© DGPC/ADF - Luis Piorno



Faustino José Rodrigues, *Eva*
 Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa

dante predilecto³⁴. Artista cuja actividade permanece por estudar, similitudes várias podem ser apontadas entre as imagens de Leiria e outras obras de sua autoria. Responsável por alguns dos raros nus associados à escultura portuguesa do seu tempo³⁵, clarificam bem as marcas identitárias desta fase final do seu trabalho obras como o *Amor da Virtude* (Palácio da Ajuda, 1826) ou a figuração de *Eva* na *Expulsão do Paraíso* (MNAA, 466 Esc).

Formado no círculo de um dos mais prestigiados escultores de Setecentos — mas também um dos grandes responsáveis pela longa duração do barroco na escultura portuguesa —, a adesão de Faustino às novas correntes estéticas parece despontar já sob a alçada de Domingos António de Sequeira (1768-1837). Particularmente enaltecido e elogiado pelo pintor³⁶, seria encarregue de esculpir, a partir de desenhos seus, a «maior e melhor

34 Recomendado pelo mestre para seu sucessor na direcção da Aula de Escultura de Lisboa, acabaria preterido por João José de Aguiar (1769-1841), recentemente chegado de Roma.

35 Aspecto sublinhado por Alexandre Nobre Pais, a respeito das intervenções de Faustino José Rodrigues em presépios supervisionados por Joaquim Machado de Castro (Alexandre Nobre Pais, "Presépios portugueses: a noite obscura da história", em *Esculturas de género: presépio e naturalismo em Portugal*, Lisboa, Museu Nacional de Arte Antiga, 2010, pp. 40-60 (57)).

36 «Sertefico que na ocação em que empreguei os mais Abeis Escultores desta Cidade para com a minha Direção ajudarem a promptificação das Pessas de Escultura por mim inventadas e modeladas, achei q.º o S.º Faustino Joze Rodrigues Escultor se distinguio com m.º sopriorid.º não alterando os modellos nos seus acabamenttos, e pello seu prestimo o julgo ser hũ dos mais abeis Escultores destes Reinos o q.º attesto sendo precizo com Juram.º: Lisboa, Abril de 1813» (Arquivo da Academia Nacional de Belas Artes, 2-A-SEC.75, Doc. 233).

parte dos modelos de figuras humanas»³⁷ destinadas à célebre baixela Vitória (1813-1816)³⁸. Datáveis exactamente dos mesmos anos da encomenda leiriense, da análise e confronto desses modelos escultóricos³⁹, hoje desaparecidos, resultaria uma melhor compreensão da obra de Faustino José Rodrigues e, por certo, das belíssimas imagens que agora lhe imputamos no santuário de Nossa Senhora da Encarnação de Leiria.

37 Francisco de Assis Rodrigues, "Faustino José Rodrigues", em *Revista Universal Lisbonense*, 1843, Lisboa, Imprensa Nacional, vol. II, pp. 256-258 (258).

38 Oferecida a Arthur Wellesley, duque da Victória e 1.º duque de Wellington.

39 Conservam-se no Museu Nacional de Arte Antiga alguns dos estudos da autoria de Domingos António Sequeira.